



REVISTA INTERDISCIPLINAR ENCONTRO DAS CIÊNCIAS
V.3, N.3, 2020

ENTRE COVID-19 E HIV-AIDS: A EXPRESSÃO “GRUPO DE RISCO” COMO DISPOSITIVO EM PROCESSOS COMUNICACIONAIS DO JORNALISMO CIENTÍFICO

BETWEEN COVID-19 AND HIV-AIDS: THE EXPRESSION “RISK GROUP” AS A DEVICE IN COMMUNICATIONAL PROCESSES OF SCIENTIFIC JOURNALISM

Pablo de Oliveira Lopes¹ | Paulo Fernando de Souza Campos²

RESUMO

O presente artigo se apropria do conceito de dispositivo e reflete sobre o destaque dado pela imprensa a duas-epidemias: Covid-19 e HIV-AIDS. O jornalismo científico participa das relações sociais de poder como dispositivo que designa hábitos e comportamentos, já que a divulgação científica é uma forma de popularizar a ciência e instruir o público em geral. Quando se trata de saúde, percebe-se que epidemias constituem assuntos que ganham ampla cobertura; todavia, a atividade jornalística, enquanto produto social, pode abrir espaço para a distorção da realidade e consolidar significados inadequados sobre determinados grupos sociais. Para fundamentar as análises, matérias de diferentes veículos de comunicação, presentes na internet, foram selecionadas a partir da ferramenta de busca *Google* e dos descritores “coronavírus” e “grupo de risco”. Os resultados indicam a permanência ou repetição do discurso jornalístico como ato que permite ordenar a perpetuação de preconceitos e intolerâncias.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo Científico. Covid-19. AIDS.

ABSTRACT

This article appropriates the concept of a device and reflects on the emphasis given by the press to two epidemics: Covid-19 and HIV-AIDS. Scientific journalism participates in the social relations of power as a device that designates habits and behaviors, as the scientific dissemination is a way of popularizing science and instructing the general public. When it comes to health, it is clear that epidemics are subjects that gain wide coverage; however, journalistic activity, as a social product, can open space for the distortion of reality and consolidate inappropriate meanings about certain social groups. To support the analyzes, articles from different communication vehicles, present on the internet, were selected from the Google search tool and from the descriptors “coronavirus” and “risk group”. The results indicate the permanence or repetition of the journalistic discourse as an act that allows ordering the perpetuation of prejudices and intolerances.

KEYWORDS

Scientific Journalism. Covid-19. AIDS.

INTRODUÇÃO

A divulgação científica é uma forma de popularizar a ciência. Usando recursos e processos de informação científica e tecnológica para instruir o público em geral, frente o notório desenvolvimento

dos campos científico e tecnológico e a importância adquirida na vida das pessoas, a ciência e a tecnologia têm ganhado enorme visibilidade pública nas últimas décadas. Segundo Vogt et al. (2006) a comunicação pública da ciência ganhou força nas sociedades contemporâneas não só pela importância na formação dos cidadãos, mas também por uma necessidade da própria ciência, que precisa se fazer conhecer.

De acordo com Massarani (1998), no Brasil, a partir da década de 1920, notou-se aumento expressivo nas iniciativas de divulgação científica. Porém, somente em 1977, um grupo de jornalistas se reuniu e criou a Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC). A autora afirma que a vertente do jornalismo alcançou seu ápice, no país, nas décadas de 1980 e 1990, com o surgimento de revistas especializadas como *Globo Ciência* e *Superinteressante*, editadas pela Editora Globo. Além das revistas, surgiram programas de televisão como o *Globo Ciência* e o *Globinho*, transmitidos pela Rede Globo de Televisão; o último, voltado para crianças e adolescentes. Esse período de sucesso deu lugar a um momento de grande dificuldade para o jornalismo científico, caracterizado por pesquisadores da área como sendo o início dos anos 2000, conforme destacam Silveira e Sandrini (2014). Ao relatarem que o jornalismo científico tem perdido força no mundo todo, em especial, nos Estados Unidos, as pesquisadoras afirmam que o momento se relaciona principalmente à queda nas receitas dos jornais. Como consequência dessa crise, seções de jornais são fechadas, acarretando cortes de pessoal e da cobertura dos temas relacionados à ciência.

A crise do jornalismo científico atingiu, sobretudo, a mídia impressa e tem sido marcada pelo avanço da divulgação científica na internet. De acordo com Lévy (1999), a rede mundial de computadores carrega em si um modelo dito “todos-todos”, vale dizer, possibilitando que qualquer pessoa produza e publique conteúdo. A imprensa tradicional passou a dividir protagonismo com seus usuários, aptos a publicar conteúdo em *sites*, *podcasts* e *blogs*. Conforme Silveira e Sandrini (2014), os jornalistas passaram a dividir com cientistas e pesquisadores a função de levar informações acerca da ciência ao público mais amplo, a partir de novas ferramentas de comunicação social. Há uma nova configuração da divulgação científica na internet: a liberação do polo emissor leva ao surgimento de canais muitas vezes criados e mantidos por cientistas.

Seja em *sites* ou *blogs*, na televisão, no rádio ou nos veículos impressos, o jornalismo é uma atividade considerada fundamental na construção da democracia e na conquista de direitos de cidadania. Entre esses direitos, está a saúde. Conforme Kucinski (2000), no Brasil, pela Constituição Federal de 1988, se garante ao paciente ou usuário do sistema de saúde o acesso pleno à informação sobre sua permanência nos espaços de cuidar/cuidado, como os hospitais. Esse fato confere ao cidadão o direito à sua memória, sua história de vida. Neste ponto, o jornalismo amplia suas possibilidades de construção das narrativas, ao acessar não somente o discurso institucional, mas

também experiências, trajetórias, subjetividades. A dinâmica impõe uma das prerrogativas da imprensa: a liberdade.

Ao jornalista cabe divulgar acontecimentos, fatos de interesse geral, integral, da coletividade. O artigo analisa como essa ação impacta na construção do Outro, considerado “grupo de risco”, bem como de que modo o uso dos léxicos, ou repertório de palavras existentes numa determinada língua, atingem o processo saúde-doença.

As relações entre jornalistas e profissionais da área de saúde são parte integrante da carreira do profissional de comunicação, em especial, se tratadas pela interdisciplinaridade. Tais relações são vistas como conflituosas e Kucinski (2002) pondera que jornalistas procuram médicos ou autoridades de saúde para ratificar ideias e conceitos, legitimando um discurso já construído. Os profissionais de saúde, por sua vez, usam o jornalismo para autopromoção, e para fazer da comunicação um instrumento pedagógico, sem o viés crítico-informativo, o mais importante da atividade jornalística.

Pautado nas concepções anunciadas, o presente artigo analisa as notícias sobre Covid-19 e HIV-AIDS na imprensa on-line, como possibilidade de verificação das semelhanças na construção das narrativas na cobertura jornalística dedicada às duas enfermidades. Para tanto, nos apropriamos do conceito de “dispositivo”, presente na obra de Michel Foucault (1997). Segundo Agamben (2009) a definição de “dispositivo” compreende objetos linguísticos e não linguísticos, discursos e instituições. Todos aprimoram e mantêm o exercício do poder como forma de controle do corpo social, manutenção da vida e da saúde coletiva. Assim, consideramos o jornalismo científico como um elemento importante das relações sociais de poder, portanto, caracterizado como um dispositivo que divulga hábitos e comportamentos caracterizados como ideais preconizados pelo discurso dominante.

Partindo desse pressuposto, analisaremos as doenças nas manchetes dos jornais, como possibilidade de identificação do lugar assumido pela expressão “grupo de risco” entre a atual pandemia (Covid-19) e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – SIDA ou AIDS -, nas décadas de 1980 e 1990.

Em um primeiro plano, a análise atinge as relações que se estabelecem entre as doenças e a notícia, e verticaliza a interdependência de acontecimentos que atingem o jornalismo científico. A proposta evidencia as conexões interdisciplinares entre os campos do conhecimento na construção dos acontecimentos, dos fatos narrados na imprensa, e como esse tratamento implica considerar a fabricação da notícia. Este panorama leva em consideração o uso do vocabulário e as implicações das palavras na construção do Outro.

A análise do discurso permite constatar sentimentos expressos, por meio da escrita, emprego das palavras. O estudo dos léxicos favorece o processo de desconstrução das narrativas, conforme destacado por Maria Luiza Tucci Carneiro (1996). O método permite ao pesquisador mensurar

representações, subjetividades e significados que as palavras evocam e a partir dos quais fabrica o Outro, inclusive, com perpetuações de estereótipos. Os usos da linguagem, da disposição do enunciador, do enunciado, produzem efeitos de sentido que servem à legitimação do discurso dominante, propõe uma ordem (BAKHTIN, 2010).

Para fundamentar as reflexões propostas, usaremos como fonte documental matérias jornalísticas publicadas entre março e abril de 2020, em diferentes veículos de comunicação presentes na internet, no que tange especificamente ao termo “grupo de risco”. O levantamento apresentou cinco textos com seleção por amostragem aleatória simples, a partir da ferramenta de busca *Google*, com uso das categorias de análise “coronavírus” e “grupo de risco” como descritores. Optamos pela imprensa digital dada a importância que a internet tem ganhado no cenário jornalístico atual.

DESENVOLVIMENTO

EPIDEMIAS NA IMPRENSA: HIV-AIDS E COVID-19 COMO ACONTECIMENTO

Divulgar fatos relacionados à ciência é, de certa forma, traduzir o discurso dos especialistas para o público leigo. Sobre isso, Caldas (2010) afirma que o discurso jornalístico responde por essa mediação. Ela pondera que não se trata, obviamente, de negar a especificidade dos saberes, mas, sim, de decodificá-los e possibilitar a participação efetiva da sociedade em debates públicos sobre temas polêmicos, como transgênicos, biotecnologia, energia nuclear, entre tantos outros, cujos impactos sociais são inegáveis.

Tendo em vista o impacto sobre a vida dos indivíduos, questões relacionadas à saúde têm sido cada vez mais divulgadas pela mídia, ocupando espaço em revistas, jornais e programas de televisão. Segundo Almeida (2006), na relação entre saúde e imprensa, está uma complexa interação entre o conhecimento científico, a difusão de informações, a elaboração ideológica de valores e a legitimação social de comportamentos. Ou seja, o jornalismo em saúde, vertente do jornalismo científico, enquanto dispositivo de poder, atua fabricando conceitos, atitudes e pode colocar o Outro na condição de vulnerável, ou destiná-lo a fazer parte de um “grupo de risco”. Matéria publicada em uma revista, em 2018, aponta como a homossexuais masculinos podem ser atribuídas marcas que os identificam, negativamente, na condição de grupo social:

O coordenador do Estudo PrEP Brasil, o médico infectologista Rico Vasconcelos, publicou um texto em seu Facebook onde diz estar arrependido de ter dado entrevista à Revista Época. A matéria de capa da edição desta semana é sobre a PrEP (Profilaxia Pré-Exposição), uma estratégia que consiste no uso diário, por pessoas não infectadas, de um comprimido azul-claro como o Viagra, chamado Truvada. Segundo a reportagem, “desde 2014, o medicamento era comercializado em algumas farmácias brasileiras e, em dezembro, passado passou a ser distribuído pelo SUS”. De acordo com a matéria, “a PrEP está mudando o comportamento

sexual de grupos de risco, sobretudo dos gays. Eles estão abandonando a camisinha, contribuindo para o aumento de doenças sexualmente transmissíveis”. No entanto, para Vasconcelos, o texto está “repleto de equívocos que reforçam estigmas sobre temas que já estão soterrados de preconceitos, como por exemplo o fato analisado com julgamento moral de que gays são promíscuos, ou que somente os gays precisam se preocupar com HIV”. (REVISTA FÓRUM, 2018, p. 1).

Nos anos 1980, vivia-se um período de poucas informações sobre o HIV-AIDS. Tratava-se de uma doença nova, quase uma incógnita para a comunidade científica. O conhecimento acerca da enfermidade estava em construção: sinais e sintomas, o comportamento do vírus, o paciente assintomático, o tratamento. Todas essas informações iam sendo descobertas e podiam mudar ao longo do tempo. Do ponto de vista sociocultural, tornaram-se mais evidentes os preconceitos contra certos grupos sociais, com destaque para os homossexuais masculinos.

A sociedade se deparava com uma incógnita ameaçadora, que despertava dúvida e inquietação, inclusive na comunidade científica. Segundo com Spink (2001), o avanço da epidemia de AIDS registrou sinais de aumento da complacência, de persistência da negação e de ressurgimento da discriminação. A mídia torna possível a divulgação das informações mais atualizadas à população e, ao mesmo tempo, atua como forte instrumento de transformação e fortalecimento de ordens morais locais. Para Darde (2006), a imprensa brasileira desempenhou um papel fundamental na construção de sentidos sobre a AIDS no início da década de 1980. Nos Estados Unidos, os primeiros casos da doença foram diagnosticados em homossexuais masculinos, o que levou os médicos, respaldados pelos meios de comunicação, a pensar no surgimento de um “câncer gay”. E mesmo vinte anos após a descoberta da doença, o preconceito ainda se fazia notar. É o que mostra uma matéria do jornal O Globo, de 05 de junho de 1983:

A maior parte das primeiras reportagens da mídia brasileira tinha como referência o conteúdo veiculado pelas agências norte-americanas de notícia, algo que influenciou significativamente a forma como a doença chegou ao imaginário brasileiro. Os primeiros pacientes com AIDS no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa eram homossexuais masculinos e sobre eles incidiu o estigma da promiscuidade. Para Darde (2006), o preconceito e a intolerância eram vistos, amplamente, nos discursos conservadores, empregados na construção do termo “aidético”, categoria única, indivisível e apartada da sociedade. A mídia cumpriu duas funções no que concerne à AIDS. É o que alega Spink (2001), ao afirmar que, por um lado, a imprensa anunciou o aparecimento de um novo fenômeno no campo da patologia, e, por outro, definiu seus contornos e possibilitou a passagem das informações sobre a doença do domínio médico-científico para o registro social.

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS – (2020), no dia 31 de dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China, informou-se sobre um grupo de casos de pneumonia de etiologia desconhecida, cujo surto foi vinculado a um mercado de frutos do mar e animais vivos. Posteriormente, o agente etiológico envolvido foi identificado: era um novo coronavírus, o SARS-COV-2, que, segundo Zhu et al. (2020), é diferente do MERS-CoV e do SARS-CoV, e constitui-se no sétimo membro da família dos coronavírus que infectam seres humanos. Ainda de acordo com os autores, células epiteliais das vias aéreas humanas foram usadas para isolar o vírus. Em 31 de janeiro de 2020, dado o aumento do número de casos diagnosticados na China (eram 9.700 naquela ocasião) e devido à propagação da doença para outros países, nos quais já se confirmava 106 casos da infecção, o Diretor Geral da entidade, Tedros Adhanom, declarou que o surto era uma emergência de saúde pública de importância internacional (OPAS, 2020).

No ano de 2020, graças à Covid-19, discussões entre o HIV/AIDS e a pandemia do novo coronavírus surgiram. O HIV foi diagnosticado, inicialmente, em indivíduos homossexuais, o que não ocorre com a Covid-19 e, para alguns, não se trata de uma doença estigmatizante, que tem feito as pessoas serem renegadas por suas famílias. Para outros, o SARS-Cov-2 não é um vírus fortemente associado a um grupo estigmatizado ou a um conjunto de grupos estigmatizados, como era o caso do HIV no começo da pandemia. Tais afirmações podem ser contestadas se, por exemplo, levarmos em consideração os ataques a profissionais de saúde divulgados por veículos de comunicação. Os profissionais de saúde não estariam sendo alvo de preconceito? É o que ilustra matéria do site da revista *Época*, de 20 de abril de 2020:

CORONAVÍRUS: O PREOCUPANTE AUMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA PROFISSIONAIS DE SAÚDE NO MÉXICO

Em vários países, incluindo o Brasil, ataques e insultos se tornaram frequentes na vida dos profissionais de saúde: multiplicam-se os casos em que eles são impedidos de acessar o transporte público para voltar para sua casa ou cidade.

Marcos González Díaz
20/04/2020 - 11:34



Médicos e enfermeiros em cidades de pacientes com covid-19 têm sido alvo de ataques e discriminações...

Mesmo considerando as diferenças entre HIV e COVID-19, que passam pelas formas de transmissão e efeitos no corpo e no organismo humanos, é possível encontrar e apontar semelhanças entre eles: “Covid-19 e HIV não são os mesmos. Mas são similares em muitos aspectos que importam”. (RODRIGUEZ, 2020, sem página).

Fato é que dada a importância da doença, causada por um vírus desconhecido, que chegou a todos os continentes e exigiu pronunciamentos diários da Organização Mundial da Saúde, não restou à imprensa outra alternativa que não fosse a ampla cobertura sobre a infecção. É possível ter uma ideia da notoriedade conquistada pela Covid-19 ao verificar o aumento dos índices de audiência dos canais jornalísticos na chamada TV paga, a televisão por assinatura, no Brasil. Texto publicado na coluna de Ricardo Feltrin, em 20 de março de 2020, tem como título: “Coronavírus faz disparar consumo de canais jornalísticos, diz operadora”. Na publicação, o jornalista afirma: “Um dos efeitos midiáticos do coronavírus e do volume de pessoas que estão sob resguardo dentro de casa já pode ser mensurado em números: o público dos canais jornalísticos disparou em 65% na TV paga brasileira” (FELTRIN, 2020, sem página). E acrescenta que os dados são da operadora Claro Net, a maior do Brasil, detentora de 7,7 milhões de assinantes.

De acordo com Feltrin (2020), a TV Globo criou um programa para discutir apenas o assunto coronavírus. Não à toa, o jornalístico foi batizado de “Combate ao coronavírus” e chegou a ter duas horas de duração. Apresentado por Márcio Gomes, o “Combate ao coronavírus” contava sempre com a participação de dois médicos, os chamados especialistas, que respondiam a questões técnicas sobre o assunto e sanavam dúvidas dos telespectadores. Aliás, esse expediente de elucidação de dúvidas, recorrendo à ajuda de médicos ou outros profissionais da área da saúde, repetiu-se nas mais variadas atrações televisivas. Enfermeiros, médicos infectologistas, médicos especialistas em Saúde da Família, epidemiologistas e pneumologistas, só para citar alguns exemplos, tornaram-se figuras

assíduas em programas jornalísticos.

A palavra de especialistas resulta em informação que deve ser usada como base para construção do conhecimento, não como conhecimento pronto, acabado. Do contrário, a informação presta-se à legitimação de ideias pré-estabelecidas, generalizantes, que flertam com a criação de estigmas, estereótipos e preconceitos. Para refletir sobre tal generalização, é preciso entender a imprensa como fonte e objeto de pesquisa. A partir dessa compreensão, é possível conhecer a história também por meio dos periódicos e de seu papel na formação e na construção dos processos sociais, políticos, econômicos e culturais.

O estudo da fonte jornalística a partir das novas visões e problemas colocados pela Nova História, permitiu aos historiadores superarem as visões tradicionais do início do século XX e explorar diversos campos para novas reflexões e problemáticas sobre as sociedades do passado. (LEITE, 2015, p. 8).

Diante desse panorama, não é incorreto afirmar que os jornais têm sido utilizados para estudos que envolvem temas que vão além do âmbito político-econômico, abrangendo questões sociais, culturais, literárias e de gênero. Este tratamento é reiterado por estudiosos que se utilizam do jornal como fonte, na medida em que:

[...] por meio dos jornais, é possível identificar e compreender processos no interior das sociedades que dificilmente são encontrados de forma tão detalhada em outros tipos de fontes. Debates e posições políticas, ideológicas, econômicas, lutas sociais, costumes, práticas e grupos sociais, eventos culturais, podem ser localizados nos diversos espaços que compõem os periódicos. (LEITE, 2015, p. 9).

A imprensa aparece como elemento gerador e reproduzidor de informação e como ator social relevante na construção do conhecimento, a despeito de não ser o único envolvido em tal processo.

“GRUPO DE RISCO” COMO DISPOSITIVO: O USO DAS PALAVRAS NA FABRICAÇÃO DO OUTRO

A Covid-19 é uma doença respiratória aguda, que causa índices de mortalidade mais altos entre idosos e pessoas com comorbidades como doenças cardiovasculares, respiratória crônica, diabetes e neoplasia maligna (OPAS, 2020). Esses núcleos populacionais têm sido chamados de “grupos de risco” por profissionais da saúde e do jornalismo e a expressão usada para denominá-los aparece em matérias veiculadas na televisão, nos jornais impressos e na mídia digital. O termo usado em títulos de matérias e textos publicados na internet são reveladores dos usos das palavras na fabricação do Outro. Na matéria publicada em 31 de março de 2020, no site Saúde, da Editora Abril, intitulada “Coronavírus: novos dados sobre grupos de risco” é possível remontar em perspectiva anunciada os medos sociais (CARNEIRO, 1996).

A expressão remonta a um passado não muito distante que traduziu o termo “grupo de risco” a partir do Outro: indivíduo a ser evitado, excluído. No caso das doenças em análise, como lugar da morte (DARDE, 2006; LOPES, 2019). As implicações simbólicas do termo remetem a uma historicidade em que as imagens sociais de pessoas consideradas como integrantes do “grupo de risco” produziram danos e levaram a condutas nocivas, que ainda permeiam o cotidiano dos nominados e inseridos em tais grupos. A própria noção de risco colabora para que imagens negativas construam as relações sociais na medida em que impõe um juízo, um valor. Como dispositivo, como ordenação ou regra de sentido atribuído, a expressão impacta poderosamente no comportamento social, nas relações interpessoais e nas dinâmicas institucionais ao fabricar o sujeito indesejável. No caso da pandemia de Covid-19, esse lugar atribuído envolve idosos, grávidas, profissionais de saúde, pessoas com comorbidades.

O pertencimento ao “grupo de risco” ao mesmo tempo em que demarca lugar, estabelece limite, fabrica imaginário, mas revela que o grupo muda. Matéria do site da Revista Isto É, de 07 de abril de 2020, na qual a manchete informa “Sintomas, letalidade, grupo de risco: o que se sabe até o momento sobre o coronavírus” corrobora isso. Os nexos estabelecidos entre as palavras do título da reportagem imprimem níveis e graus de perigo, de contágio, das pessoas incluídas no “grupo de risco”, bem como se vinculam os danos causados ao organismo às manifestações da doença e à mortalidade.

Ainda que a dimensão e a urgência existam, tanto no caso da Covid-19 como no HIV-AIDS, as narrativas da imprensa revelam um tipo de enfiamento que atribui sentido negativo que se amplifica na divulgação das matérias. A expressão “grupo de risco” também aparece no título de matéria do site GaúchaZH, de 19 abril de 2020, que indica: “Um terço dos adultos brasileiros faz parte do grupo de risco do coronavírus”. O uso da expressão “grupo de risco” ou de termos similares como “lista de risco” remete às primeiras décadas da infecção pelo HIV-AIDS, quando pouco se sabia sobre o vírus. Homossexuais, pessoas trans, profissionais do sexo e usuários de drogas injetáveis eram os grupos nos quais a infecção pelo HIV-AIDS se concentrava, razão pela qual passaram a integrar o chamado “grupo de risco”.

Lopes (2019) reforça a ideia da criação dos grupos de risco pelas autoridades sanitárias à época, ao destacar que, em junho de 1981, o Centro de Controle de Doenças dos Estados Unidos registrou os primeiros casos de uma doença considerada uma incógnita. Em 1982, ela recebeu a denominação provisória de “Doença dos 5 H” por conta dos casos identificados em homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroinômanos e prostitutas (*hookers* em inglês).

Na ocasião, tal terminologia fazia parte de uma classificação que tinha a intenção de alertar seus integrantes para o fato de terem maior risco de se infectarem com o novo vírus. Entretanto, tal classificação foi empregada e interpretada de maneira equivocada, como pondera Vasconcelos

(2020), ao relatar que a expressão “grupo de risco” passou a ser entendida erroneamente pela população como grupo que apresentava risco de transmitir HIV-AIDS para outras pessoas, gerando aversão a homossexuais, que foram estigmatizados na imprensa.

Notícia do portal G1, de 23 de abril de 2020, intitulada “Profissionais do Hospital Miguel Couto que fazem parte de grupos de risco da Covid-19 dizem que não foram afastados” amplia, no caso da pandemia de Covid-19, o rol dos inseridos na lista de risco, como parte do grupo. A mobilização implica considerar os impactos do pertencimento ao chamado grupo de risco, para o bem e para o mal. O texto do portal R7, de 09 de abril de 2020, revela no título “Grávidas e mães de recém-nascidos entram na lista de risco da covid-19” inserindo no grupo de risco mulheres grávidas. O feminino é agregado ao grupo de risco por meio da maternidade.

No que diz respeito à Covid-19, a expressão “grupo de risco” pode influenciar, negativamente, o comportamento e as atitudes de certos indivíduos, isto é, os que não fazem parte de tal grupo podem pensar que não ter doenças crônicas, como câncer e insuficiência cardíaca, os torna imunes ao SARS-CoV-2. A esse respeito, Vasconcelos (2020) aponta que uma pessoa que não integra os chamados “grupos de risco” pode acreditar que não precisa seguir as orientações de prevenção contra o vírus e acabar tornando-se um disseminador da doença. Além disso, pode adoecer gravemente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Jornalismo, ao reproduzir o comportamento com base em padrões pré-estabelecidos, pode repetir ideias generalizantes, inserindo estereótipos em seu discurso, e contribuindo para a distorção da realidade e para a consolidação de rótulos forjados para determinados grupos sociais (LOPES, 2019). Encarar o Jornalismo como produto social nos remete ao conceito de “dispositivo”, que, na perspectiva de Foucault, se aplica às formações sociais, como é o caso do discurso social. Em relação aos discursos na sociedade, Foucault (1997) afirma que existem procedimentos de exclusão e de controle, que só podem ser compreendidos com base no contexto em que estão inseridos.

A escolha do vocabulário das matérias tem enorme importância, inclusive simbólica. É o caso de “grupo de risco”. O uso da palavra “vulnerável”, em contraposição a “grupo de risco”, não coloca sobre *gays*, outros homens que fazem sexo com homens, profissionais do sexo e pessoas trans o estigma os afugenta dos serviços de saúde. O mesmo ocorre em relação à infecção pelo novo coronavírus: o discurso jornalístico pode gerar uma distorção da realidade, no que se refere ao risco de contágio. Essa deformação pode ser evitada, por exemplo, com a substituição do termo “grupo de risco” por “vulnerável”, palavra que não deixa de demonstrar que todos estão sujeitos à infecção pelo SARS-Cov-2, mas mostra que alguns são mais frágeis ou podem desenvolver formas mais graves da doença.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ALMEIDA, Marco Antônio de. Prefácio. In: LUIZ, Olinda do Carmo. **Ciência e risco à saúde nos jornais diários**. São Paulo: Annablume; São Bernardo do Campo: Cescos, 2006. p. 11-16.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. do russo: Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

CALDAS, Graça. Divulgação científica e relações de poder. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 15, n. esp, p. 31 - 42, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/5583/6763>. Acesso em: 17 ago. 2020.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O discurso da intolerância: fontes para o estudo do racismo. In: **Fontes históricas: abordagens e métodos**, 1996, São Paulo. Faculdade de Ciências e Letras-Unesp, Campus de Assis: Programa de Pós-Graduação em História, 1996. p. 21-32.

DARDE, Vicente William da Silva. **As vozes da AIDS na imprensa: Um estudo das fontes de informação dos jornais Folha de S. Paulo e O Globo**. 2006. 186 folhas. (Dissertação de Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://portal.comunique-se.com.br/wp-content/uploads/2017/07/000529407.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2020.

FELTRIN, Ricardo. **Coronavírus faz disparar consumo de canais jornalísticos, diz operadora**. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/ooops/2020/03/20/coronavirus-fez-disparar-consumo-de-canais-jornalisticos-diz-operadora.htm>. Acesso em: 17 ago. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1997.

KUCINSKI, Bernardo. Jornalismo, saúde e cidadania. **Interface**, Botucatu, v. 4, n. 6, p. 181-186, 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832000000100025. Acesso em: 18 ago. 2020.

KUCINSKI, Bernardo. Jornalismo e saúde na era neoliberal. **Saude Soc.**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 95-103, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902002000100010&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 18 ago. 2020.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. Teoria, metodologia e possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Escritas**, v. 7, n.1, p. 3-17, 2015. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/1629/8314>. Acesso em: 19 ago. 2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES, Pablo de Oliveira. **Jornalismo e reprodução de estereótipos: HIV/AIDS e homossexuais no Brasil na década de 1980**. 2019. 109 folhas. (Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Santo Amaro, São Paulo, 2019.

MASSARANI, Luisa. **A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 20. 1998.** 177 folhas. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Comunicação) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Orientações sobre prevenção e controle de infecção para instituições de longa permanência no contexto da COVID-19. Orientação provisória.** 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/51982/OPASBRACOV1920031_por.pdf?sequence=5. Acesso em: 18 ago. 2020.

REVISTA FÓRUM. **Prevenção do HIV: Médico infectologista diz se arrepender de ter dado entrevista à Época sobre PrEP.** Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/prevencao-do-hiv-medico-infectologista-diz-se-arrepender-de-ter-dado-entrevista-a-epoca-sobre-prep/>. Acesso em: 17 ago. 2020.

RODRIGUEZ, Mathew. **Covid-19 e HIV não são os mesmos. Mas são similares em muitos aspectos que importam.** Disponível em: <https://www.msn.com/pt-br/saude/medicina/covid-19-e-hiv-n%C3%A3o-s%C3%A3o-os-mesmos-mas-s%C3%A3o-similares-em-muitos-aspectos-que-importam/ar-BB14ABbR?li=AAgXC1&ocid=mailsignout>. Acesso em: 17 ago. 2020.

SILVEIRA, Mauro César; SANDRINI, Rafaela. Divulgação científica por meio de blogs: desafios e possibilidades para jornalistas e cientistas. **Intexto**, Porto Alegre, n. 31, p. 112-124, dez. 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/41728/32202>. Acesso em: 17 ago. 2020.

SPINK, Mary Jane. et al. A construção da AIDS-notícia. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 851-862, jul./ago., 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Mary_Spink/publication/26359601_A_construcao_da_AIDS-noticia/links/540f63d90cf2f2b29a3ddd9e.pdf. Acesso em: 18 ago. 2020.

VASCONCELOS, Rico. **Por que devemos parar de usar o termo grupos de risco para o coronavírus.** Disponível em: <https://ricovasconcelos.blogosfera.uol.com.br/2020/04/17/por-que-devemos-parar-de-usar-o-termo-grupos-de-risco-para-o-coronavirus/>. Acesso em: 15 ago. 2020.

VOGT, Carlos Alberto. et al. SAPO (Science Authomatic Press Observer): construindo um barômetro da ciência e tecnologia na mídia. In: VOGT, Carlos Alberto (Org.). **Cultura Científica: desafios.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. p. 84-130.

ZHU, Na. et al. A Novel Coronavirus from Patients with Pneumonia in China, 2019. **N Engl J Med**, v. 382, n. 8, p. 727-733, fev. 2020. Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/nejmoa2001017>. Acesso em: 18 ago. 2020.

FONTES PRIMÁRIAS

ÁVILA, André. **Um terço dos adultos brasileiros faz parte do grupo de risco do coronavírus.** Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/coronavirus-servico/noticia/2020/04/um-terco-dos-adultos-brasileiros-faz-parte-do-grupo-de-risco-do-coronavirus-ck976znfl0053017nf7qf2xsr.html>. Acesso em: 18 ago. 2020.

Costureiro Markito morre de ‘câncer gay’ em Nova York. **O Globo**, Rio de Janeiro, 05 de junho de 1983. Caderno Rio, p. 21. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&ordenacaoData=relevancia&allwor>

ds=&anyword=costureiro+markito&noword=&exactword=&decadaSelecionada=1980&anoSelecionado=1983. Acesso em: 06 maio 2018.

DÍAZ, Marcos González. **Coronavírus:** o preocupante aumento da violência contra profissionais de saúde no México. Disponível em: https://epoca.globo.com/mundo/coronavirus-preocupante-aumento-da-violencia-contraprofissionais-de-saude-no-mexico-24383197_. Acesso em: 18 ago. 2020.

ISTO É. **Sintomas, letalidade, grupo de risco:** o que se sabe até o momento sobre o coronavírus. Disponível em: <https://istoe.com.br/parte-do-misterio-do-coronavirus-se-revela/>. Acesso em: 18 ago. 2020.

ROUVENAT, Fernanda; QUEIROZ, Mariana. **Profissionais do Hospital Miguel Couto que fazem parte de grupos de risco da Covid-19 dizem que não foram afastados.** Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/04/23/profissionais-do-hospital-miguel-couto-que-fazem-parte-de-grupos-de-risco-da-covid-19-dizem-que-nao-foram-afastados.ghtml>. Acesso em: 18 ago. 2020.

R7 NOTÍCIAS. **Grávidas e mães de recém-nascidos entram na lista de risco da covid-19.** Disponível em: <https://noticias.r7.com/saude/gravidas-e-maes-de-recem-nascidos-entram-na-lista-de-risco-da-covid-19-10042020>. Acesso em: 18 ago. 2020.

Recebido em: 18 de Agosto de 2020

Aceito em: 30 de Agosto de 2020

¹Doutorando do Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC. Mestre em Ciências Humanas pela Universidade Santo Amaro (UNISA). Professor do Internato em Atenção Básica à Saúde da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. E-mail: lopespo33@gmail.com

²Doutor em História pela UNESP. Pós-doutor em História da Enfermagem pela Escola de Enfermagem da USP. Professor do Curso de Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Santo Amaro - UNISA. Líder do Grupo de Pesquisa Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento - CISGES/UNISA/CNPq. E-mail: pfsouzacampos@hotmail.com